

LIVRO DA Família

FTD[®] | Nº 2 | A importância da família na formação do leitor



Olá,

Este **Livro da Família** faz parte do projeto **Cultivando Leitores**, que tem como missão incentivar a leitura no ambiente familiar. É pela literatura que o hábito de aprender se realiza com fruição, encantamento e, conseqüentemente, abertura para a reflexão sobre os princípios fundamentais para o exercício de uma vida cidadã. Além de indicar livros relacionados aos conteúdos didáticos, o projeto oferece outros materiais, como um cartaz interativo com propostas de atividades que promovem a integração do aluno com a família.

Segundo Monteiro Lobato, a leitura deve ser vista não como um amontoar de informações, mas como uma atitude que exercita o pensamento e propicia autonomia do conhecimento. Por isso, é importante que o hábito da leitura esteja presente num contexto familiar e seja apresentado para as crianças desde cedo. É por meio da leitura que uma criança desenvolve a opinião crítica e o raciocínio intelectual. E se esse desenvolvimento tiver um incentivo e uma mediação familiar, as chances de sucesso são maiores.

Pensando nisso, os artigos, matérias e entrevistas aqui presentes foram feitos com e por quem se inspira diariamente na força da escrita e da leitura. Você encontrará palavras de incentivo, informações e dicas inspiradoras, além de depoimentos de quem teve a vida modificada por um livro. Você vai ler aqui duas matérias especiais que falam do pai da literatura infantojuvenil brasileira: Monteiro Lobato. As histórias criadas por ele formaram milhões de leitores em todo o país, e, ao entrar em domínio público este ano, seus livros renascem, despertando a memória leitora de muitos adultos, que terão a oportunidade de contar para os filhos as mesmas histórias que seus pais contaram para eles. Inspirações para ler com as crianças não faltarão.

Bom percurso!





Todos os direitos de edição reservados à
EDITORA FTD S.A.
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP
CEP 01326-010 — Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

O projeto **Cultivando Leitores** é uma iniciativa da FTD Educação que visa contribuir para a formação de leitores em nosso país.

IDEALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Diretor de conteúdo e negócios Ricardo Tavares de Oliveira
Gerente editorial Isabel Lopes Coelho
Gerente de marketing Gisele Cruz
Editor Estevão Azevedo
Editora assistente Camila Saraiva
Colaboradores na elaboração de textos Estúdio Voador
Preparadora Maria Fernanda
Revisoras Fátima Cavallaro e Jane Pessoa
Editor de arte Daniel Justi
Projeto gráfico e capa Jairo Rodrigues
Supervisora de iconografia Elaine Bueno
Pesquisadora iconográfica Marcia Trindade Galvão
Diretor de operações e produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cultivando leitores : livro da família : a importância da família na formação do leitor / Equipe FTD Educação. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2019.

ISBN 978-85-96-02311-5

1. Educação – Brasil 2. Literatura 3. Leitores 4. Leitores – Formação
5. Leitura 6. Mediação 7. Vida familiar – Educação.

19-25757

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Livro da família: Formação de leitores:
Educação 370

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

Créditos das imagens:

Capa: Ilustrações de Rodrigo Fortes sobre fotos Monkey Business Images / Shutterstock.com
Ilustrações: Ana Matsusaki (p.9), Carlo Giovani (p.16-17), Danilo Zamboni (p.16-17), Fido Nesti (p.13; 46-47), Nelson Cruz (p.35), Rodrigo Fortes (p.27-29; 39; 43), Silvia Amstalden (p.38; 40-41), Veridiana Scarpelli (p.3; 4-5; 10; 15), Willian Santiago (p.19; 21; 23), Zansky (p.1; 16-17), Zé Vicente (p.31-33).
Fotos: Folhapress (p.7, alto); Edições da Revista do Brasil (p.7, baixo esquerda); Editora Monteiro Lobato & Cia (p.7, baixo direita); Acervo pessoal (p.20; 24; 27; 29; 32; 45 e 47)

- 5 > O ano de Monteiro Lobato
- 12 > Lobato em novos traços
- 18 > A criança e a cultura popular
- 26 > “O poeta é um inventor de frases”
- 30 > Diálogos entre o real e o imaginário
- 34 > Caminhos e atalhos para o encontro com os livros
- 38 > Como surgem as ilustrações de um livro
- 42 > Memórias da imigração
- 46 > Primeiras histórias
- 48 > Sugestão de livros





O ano de Monteiro Lobato

Obra do autor entra
em domínio público e novas
edições podem aproximar,
pelo afeto compartilhado,
leitores de diferentes gerações

POR NATALIE CATUOGNO CONSANI



O Reino das Águas Claras ficou mais perto desde 2019. Não que tenha havido alguma grande mudança geográfica. O sítio da Dona Benta continua no mesmo lugar. Acontece que este ano será marcado por diversos e numerosos projetos envolvendo as obras de ninguém menos que Monteiro Lobato, o inventor desse universo onde Lúcia – mais conhecida como Narizinho – e seu primo, Pedrinho, conversam com um sabugo de milho inteligentíssimo, passam a noite na floresta com o Saci, ouvem conselhos da boneca cerzida e recheada com macela por Tia Nastácia, recebem Peter Pan, Popeye e até um anjo. Tudo isso acontece ou começa no Sítio do Picapau Amarelo e arredores, onde a menina mora e o primo passa as férias.

O “ano Lobato” tem um motivo prático: desde o dia 1º de janeiro de 2019, as obras do autor brasileiro entraram em domínio público, ou seja, os direitos autorais não são mais exclusivos da família, pois em 2018 completaram-se 70 anos da morte de Lobato. Desde então, sua obra está disponível para novas edições, e a FTD Educação lança seis coleções com clássicos lobatianos. Os livros trazem minibiografia do autor, glossário e ilustrações criadas por importantes artistas brasileiros.

O interesse pelas reedições não é inédito. Lobato foi reeditado muitas vezes antes e depois de sua morte, gerou releituras e adaptações, tanto literárias quanto para outras linguagens, como a televisão. Foram ao menos duas as mais

famosas gravações adaptando seus livros para crianças: quem não se lembra da telenovela *O Sítio do Picapau Amarelo*, que teve uma versão nos anos 1970 e outra nos anos 2000?

“Um clássico é uma obra que, entre outras características, suscita outras obras, traduções e adaptações para outras linguagens, recriações etc.,” explica o escritor e ilustrador Luís Camargo, doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e um dos editores do projeto na FTD Educação. Camargo é também um dos autores de *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil* (2008, vencedor do prêmio Jabuti), organizado pelos professores universitários especialistas em Lobato, Marisa Lajolo e João Luis Ceccantini, e *Monteiro Lobato, livro a livro: a obra adulta* (2014), também organizado pela professora Marisa Lajolo.

Clássico é o que é lido e relido, que dura no tempo, porque imenso, profundo, inovador e, ainda, portador de sentimentos e olhares universais, mesmo que particularizados nas experiências dos personagens que narra.

É o que faz com que as histórias orais, as mitológicas, os grandes livros ou mesmo pequenas historietas familiares sejam recontados infinitas vezes e continuem divertindo. O clássico é como as narrativas de Sheherazade nas *Mil e uma noites*: o rei sempre quer ouvir mais e de novo e de novo e de novo.

Lobato alcançou esse lugar, sem dúvida, a ponto de ser um dos escritores mais citados por leitores em pesquisas sobre leitura. Não à toa, o Dia Nacional

do Livro Infantil é comemorado em sua homenagem, na data de seu nascimento: 18 de abril.

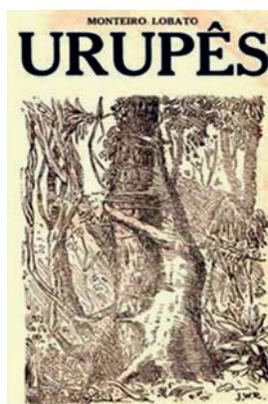
UM LIVRO PARA AS CRIANÇAS MORAREM

Lobato não foi o primeiro a escrever para crianças no Brasil. Antes dele, Olavo Bilac, Francisca Júlia, Adelina Lopes Vieira, Júlia Lopes de Almeida, entre outros nomes, publicaram obras consistentes para esse público. Mas esses livros tinham um caráter predominantemente “educativo”, ou seja, mais do que oferecer arte, diversão, criatividade e prazer literário, funcionavam como manuais de ensinamentos morais e edificantes.

Monteiro Lobato, pelo contrário, era crítico a esse tipo de leitura para os pequenos, talvez por ter sido um leitor voraz, desde muito jovem, com livre acesso a clássicos da literatura universal, que depois vieram, de alguma forma, a povoar sua própria ficção.

Em uma carta ao amigo Godofredo Rangel, datada de 1916, chegou a escrever: “Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos”.

Esse trecho, publicado no livro *A barca de Gleyre*, foi selecionado para esta matéria pelo professor Emerson Tin, doutor em Teoria e História Literária justamente com uma tese sobre as trocas de correspondências de Lobato: *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da ima-*



gem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários (São Paulo, 2007).

Tin explica que Lobato, ao contrário de seus predecessores, não se colocava como um adulto escrevendo para oferecer ensinamentos às crianças. Ele assumia um ponto de vista infantil e escrevia a partir do olhar de uma criança. As crianças eram os personagens principais, que comandavam a ação e a narrativa, decidiam o que fazer, e tudo isso usando a lógica peculiar a quem tem a idade de Narizinho ou Pedrinho, e com uma boa dose de imaginação.

“Essa mescla de realidade e imaginação, que ocorre na obra lobatiana sem transições, sem elementos justificativos (por



Monteiro Lobato em 1947

Capa da primeira edição de *Urupês*, de 1918

Capa da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*, de 1920

exemplo, um sonho), talvez seja mesmo uma das chaves para explicar por que até hoje os livros de Lobato ainda conseguem cativar os leitores. Lobato não é um adulto escrevendo para crianças, mas, sim, um escritor que, inserido no universo infantil, parte da ótica infantil para construir suas narrativas”, diz Tin. Assim, Narizinho vai e volta do Reino das Águas Claras e filosofa com a boneca Emília ao lado da avó com a mesma naturalidade com que uma criança da idade dela fabula coisas fantásticas enquanto toma banho ou se arruma para o jantar.

A experiência leitora de Lobato certamente influenciou primeiro suas expectativas do que seria um bom livro para jovens leitores e, mais tarde, sua ficção para esse público. Tin ressalta outro trecho da correspondência do autor com Godofredo Rangel que mostra a influência do leitor ávido e sofisticado que foi Lobato em seu desejo de criar uma literatura brasileira que acolhesse o pequeno leitor: “Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe*, do Laemert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n’*Os filhos do Capitão Grant*”.

Lobato, observador arguto das crianças e talvez alguém que conservou viva sua própria infância, inaugurou uma ideia de livro infantil que fosse prazero-

As muitas adaptações e edições da obra do criador de Emília, e agora a chance de ampliar ainda mais o acesso a esse acervo com o domínio público de sua produção, são oportunidades de uma leitura afetiva que une gerações.

so de ler e uma ideia de infância para a literatura nacional. Em toda a sua obra, ele não infantiliza as crianças, não lhes poupa de assuntos difíceis — escreveu um livro cujo mote era a Segunda Guerra Mundial, por exemplo —, não lhes dá respostas fáceis. Os grandes temas que intrigam adultos estão lá, nos livros infantis, porque também as crianças pensam, e até com mais liberdade, sobre afetos, medos, sentidos e relações. Lobato sabia que elas também observam o mundo dos mais velhos e têm opiniões sobre ele.



**NARIZINHO
E O PRÍNCIPE
ESCAMADO**

Coleção Meu
Primeiro Lobato,
FTD Educação,
2019

Ao beber nos clássicos mundiais, ele que tinha particular interesse pelos livros irônicos, críticos, cheios de humor, como *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi, ou *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, pôs Hércules para aprender com as crianças do Sítio. Deu espaço de sobra à oralidade e misturou, com rara naturalidade, universos tão diversos. Até hoje, com a internet e o acesso que as crianças têm a telas e mídias, é sofisticado o repertório que Lobato coloca ao alcance das pequenas mãos, revelando que acre-

ditou o tempo todo na capacidade dos pequenos ao convocá-los a uma leitura crítica e partícipe.

“Aí também reside o sucesso de Lobato: na sua estratégia narrativa bem-sucedida de estabelecer diálogos entre textos orais e escritos, tradicionais e modernos, permitindo que os universos dos adultos e das crianças fossem postos em conexão”, diz Milena Ribeiro Martins, professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná e especialista no autor.



**AVENTURAS
NO SÍTIO**

Coleção
Reinações de
Narizinho, FTD
Educação, 2019

Milena lembra que, no universo de Lobato, não há verdades absolutas. Pelo contrário, as ideias são apresentadas como possíveis de serem questionadas. A professora avalia essa característica da obra lobatiana como um traço de respeito à inteligência do leitor. Lobato não rompe com as tradições que o antecederam, mas dialoga com elas, insere-as em sua obra, reescreve-as. Milena comenta que, no primeiro livro do autor, *A menina do narizinho arrebitado*, Dona Carochinha surge como personagem em busca de outros que fugiram dos livros por se sentirem “embolorados”.

Emília e sua “torneirinha de asneiras”, com um olhar sem amarras como o de uma criança pequena que ainda não incorporou todas as regras sociais, questiona a natureza, a matemática e a sabedoria enciclopédica de Visconde. Dessa forma, Lobato cria uma obra que convida o leitor a dialogar, a formar sua opinião, a refletir, a questionar dogmas, partindo de pontos de vista diferentes, represen-

tados pelos personagens do Sítio, pelos que Lobato “importa” da tradição oral, do folclore, da mitologia, dos livros que leu, das próprias referências. E coloca todo esse rico conjunto para dialogar nas suas páginas com as crianças.

Para “morar” nos livros, Lobato resgatou um lugar conhecido por ele e por muitos de seus leitores nos anos 1920 e 1930: a paisagem rural, acolhedora e repleta de possibilidades de brincadeiras e aventuras de um sítio. Lobato criou esse universo com base em referências bastante nacionais, como a vida rural do início do século, o Saci e animais como a vaca Mocha, o ribeirão que cortava a propriedade de Dona Benta, a jabuticaba; coisas que só fazem sentido no contexto brasileiro.

“A representação da natureza brasileira e de elementos da cultura nacional são parte de um projeto maior da literatura de Lobato”, explica Milena.

Lobato cria e recria uma infância com a qual é possível se identificar ainda hoje

por ser uma infância vivida, autêntica, no dizer do professor Emerson Tin. Uma infância pé no chão, em meio à natureza, com liberdade e autonomia de experimentar, perguntar, inventar; uma infância com poucos brinquedos prontos e sabugo de milho que vira grande filósofo. Que criança não quer ter um matemático particular ou povoar um mundo em que um porco atrapalhado vira marquês?

DE PAIS PARA FILHOS

Esse universo rico, repleto de aventuras e contado do ponto de vista das crianças, ajudou a criar o imaginário de gerações. Quem lia Lobato na infância e “morou” dentro do Sítio do Picapau Amarelo tem a oportunidade de compartilhar essa morada com os filhos, agora que o acesso às obras do autor deve se ampliar. Para o professor Emerson Tin, são esses momentos de afeto e vínculo compartilhado que valem a pena no convívio familiar e também na formação de leitores.

O arquiteto e fotógrafo Augusto Ci-trangulo e seu filho Felipe, 8 anos, são bons exemplos disso. Na infância, o pai

lia muito para Augusto, e Lobato foi um dos primeiros escritores que o então menino conheceu. Ele se lembra de se identificar com aquela infância no sítio, cheia de aventuras, em que as crianças tinham autonomia e criavam um universo tão rico.

Quando chegou a hora de ler para Felipe, Augusto resgatou não apenas as lembranças de infância, mas os livros: como ainda tinha os seus, pôde reler para o pequeno exatamente os mesmos livros que o pai lia para ele. Nessa releitura, surpreendeu-se com o interesse do filho por um universo que Augusto considerou tão distante da vida urbana que a família leva hoje. O filho vai com frequência a bibliotecas públicas, e sua preferida é justamente a Monteiro Lobato, na região central de São Paulo. Lá, ele é o primeiro a procurar livros do autor.

A professora de literatura para o Ensino Médio e doula Débora Regina Magalhães Diniz, mãe de três crianças, é outra leitora apaixonada por Lobato. Ela conta que lia a obra do autor quando visitava a prima, que tinha uma coleção em volumes com tudo o que ele havia publicado. “Li e reli todos. Várias vezes.” Débora adorava especialmente *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao céu*, *Memórias da Emília* e *O Minotauro*. Quando começou a trabalhar, comprou a coleção toda num sebo e foi com ela que iniciou os filhos na leitura de Lobato, mesmo com certos contratemplos, como o fato de os pequenos terem “colorido” algumas ilustrações dos livros. “Cheguei a chorar”, conta. ●●●

CONHEÇA O UNIVERSO MÁGICO DE LOBATO NA FTD EDUCAÇÃO

Artigos, coleções, novidades e projetos educacionais. Para celebrar a qualidade literária, a imaginação e a importância desse grande autor, a FTD Educação criou um *site* exclusivo onde leitores de todas as idades podem conhecer melhor o mundo de Lobato. Acesse: <monteirolobato.ftd.com.br>.

Lobato em novos traços

Os ilustradores das edições da FTD Educação contam como reimaginaram o universo do autor e deram novas cores e formas aos personagens

POR JANETTE TAVANO

Com as reedições da obra de Monteiro Lobato, editores lançaram um grande desafio aos ilustradores contemporâneos: redesenhar os famosos personagens da turma do Sítio do Picapau Amarelo, que estão presentes — e fortemente definidos — há quase 100 anos no imaginário dos leitores brasileiros.

Mas, sem dúvida, essa difícil missão vem acompanhada da alegria de ilustrar Monteiro Lobato. Era ele, em sua época, quem escolhia e validava o ilustrador para suas histórias, pois o autor sempre teve uma grande preocupação com o projeto do livro como um todo — ilustrações, capa e formato. *A menina do narizinho arrebitado*, lançado em 1920, foi seu primeiro livro infantil, ilustrado por Voltolino (1884-1926), caricaturista que chegou a ser considerado um dos nomes que melhor traduziu o universo do autor. Voltolino também assinou os desenhos da primeira edição de *O Saci* (1921), além de *Fábulas de Narizinho*, do mesmo ano. Depois vieram Kurt Wiese, Nino, Jean Gabriel Villin, Belmonte, Jurandyr Ubirajara Campos (que trabalhou

no maior número de livros de Lobato), Raphael de Lamo, Rodolpho, André Le Blanc e Augustus. Agora, a FTD Educação publica vários títulos de Monteiro Lobato e conta com um supertime de ilustradores para fazer parte dessa lista.

“O maior desafio é criar ilustrações que consigam equilibrar todos os elementos que compõem esse sopão, atualizando sem ignorar o antigo e trazendo algo original sem romper a ponte com todas as importantes camadas pregressas. Ao mesmo tempo que existem inúmeros pontos das histórias e dos personagens que estão muito distantes das crianças de hoje, o autor — com toda sua riqueza imagética e habilidade narrativa — mostra vivamente esse mundo quase fantástico de bодоques, pomares, pássaros, besouros e crianças que sobem em árvores para chupar jabuticaba”, diz Veridiana Scarpelli, que ilustrou os episódios de *Reinações de Narizinho* publicados em livros avulsos pela FTD Educação.

“Eu adorava Monteiro Lobato! Conheci seu universo quando estava no segundo ano e tinha que escolher um livro para



Rascunho do ilustrador Fido Nesti para o livro *A reforma da natureza*, da FTD Educação, 2019



ler e apresentar aos colegas. Ilustrar Lobato hoje é ter a oportunidade de voltar às suas histórias tantos anos depois do impacto que me causaram. É um grande prazer que veio carregado de responsabilidade, dada a extensão de seu trabalho e o reconhecimento da obra como um todo. É incrível saber que uma nova geração de leitores pegará nas mãos esses mesmos livros que li e que tiveram tanta importância na minha formação”, diz Danilo Zamboni, que assina os volumes da coleção Os Doze Trabalhos de Hércules.

Fido Nesti, que criou os desenhos da nova edição de *A reforma da natureza*, também se lembra de Lobato na sua infância. “Tive contato com a sua obra desde muito cedo. Minha mãe guardava edições de quando era criança, publicadas nos anos 1940, que costumava ler para mim. O Visconde de Sabugosa sempre foi meu personagem favorito”, diz Fido, filho de Paulo Ernesto Nesti, que também ilustrou alguns títulos de Lobato nos anos 1970 (*ver depoimento de Fido nas páginas 46-47*).

Mas será que todas essas referências antigas ajudam ou atrapalham o proces-

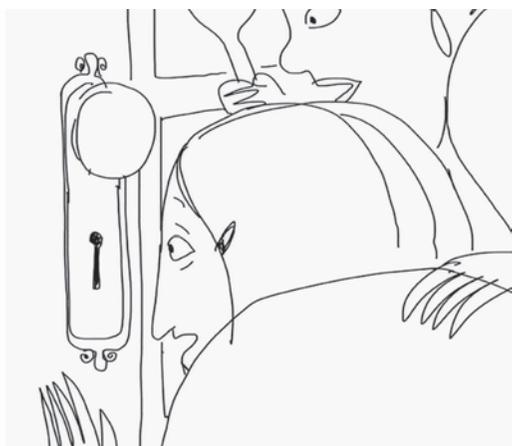
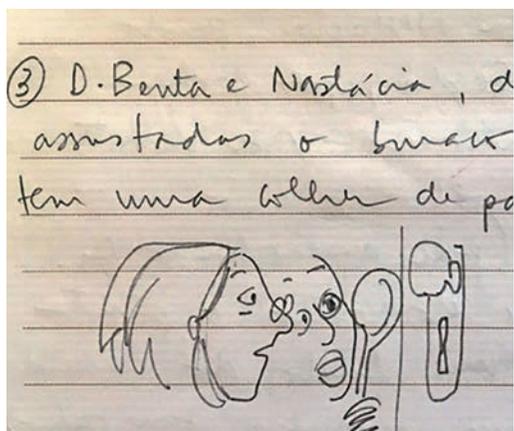
so de criação desses artistas? Veridiana e Fido, por exemplo, têm em comum o fato de preferirem não partir desse ponto. “Eu procurei me livrar de todas as imagens armazenadas na minha cabeça. Principalmente porque tenho muitas memórias do programa de televisão, que passou na TV Globo entre 1977 e 1986, quando eu era pequena e ficava superimpressionada com a *Cuca!* Tinha certeza de que isso iria me atrapalhar mais do que ajudar. Então, não pesquisei nenhum ilustrador e tentei ler o livro como se fosse a primeira vez. A partir das descrições que Lobato faz dos personagens, imaginei a cara de cada um. Isso foi minha primeira aproximação”, explica Veridiana.

Fido também seguiu essa linha: “Eu sempre gostei muito do trabalho dos primeiros ilustradores. Eles me transportavam para outra época, outro mundo. Mas, para a elaboração do projeto, procurei não voltar a eles para tentar criar minha própria visão do universo do Sítio”.

Já Danilo trouxe para sua pesquisa todas as referências possíveis: “Quando nos deparamos com a missão de ilustrar um escritor tão conhecido como Lobato, cuja obra já foi trabalhada por diversos ilustradores ao longo dos anos, é impossível não interagir com as versões anteriores. Cada um deles refletiu de alguma forma a época em que viveu ao interpretar a obra. Para mim não seria diferente, tirando o fato de que se passaram alguns anos. Então posso dizer que levei em conta as versões anteriores, principalmente as que mais me tocaram e que, de alguma forma, se assemelham ao meu estilo de trabalho, tentando estabelecer uma con-

“Eu sempre gostei muito do trabalho dos primeiros ilustradores. Eles me transportavam para outra época, outro mundo.”

FIDO NESTI



versa, mas sem me prender a esse diálogo, pois quis manter a liberdade de também interpretar segundo o meu tempo e as minhas referências”.

Em seu processo de criação, a primeira providência é ler o livro, porque é dele que vêm as principais ideias. Durante essa leitura inicial, várias ima-



Detalhes do processo de criação da ilustradora Veridiana Scarpelli para o livro *Aventuras do Príncipe*

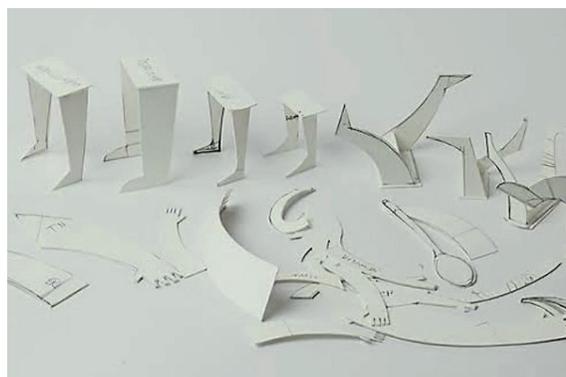
gens já surgem e ele procura alimentar o processo, tomando notas, refletindo estilos, atmosfera, paleta de cor, cenas que gostaria de ilustrar, sua composição etc. Num segundo momento, começa a pensar em termos mais técnicos sobre como executar as ideias. “Para Os Doze Trabalhos de Hércules, usei duas técnicas diferentes. Nas ‘medalhas’ redondas, que aparecem no início de cada capítulo, utilizei nanquim para traçar as linhas com um pincel e depois acrescentei a cor no computador, usando os mesmos tons do projeto gráfico. Já as imagens maiores foram feitas com nanquim e depois coloridas com aquarela, para terem cores vivas, mas que conversassem com a linguagem mais clássica da história.”

Não é mera coincidência que as ilustrações de Danilo sejam visualmente muito próximas do mundo dos quadrinhos, porque ele é um apaixonado pelo gênero. “A decisão de trazer essa linguagem para a obra me pareceu casar muito bem com o teor das histórias: são inúmeros acontecimentos, todos ricamente descritos e com detalhes muito gráficos, como uma espécie de saga, que se sucedem de forma rápida — os personagens estão sempre em perigo, ora correndo de feras, ora pensando em formas de ajudar Hércules a vencê-las. A ação é a alma da história e os quadrinhos usam imagens encadeadas para contá-la numa sequência que reforça essa ação”, diz.

Em seu processo de criação, Veridiana se preocupou sobretudo com a questão da atualização dos personagens, sem descaracterizá-los. “É curioso olhar para esses personagens hoje em dia, pois eles

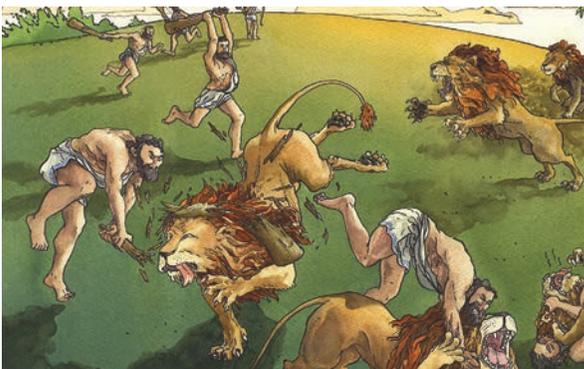


Passo a passo do processo de criação dos personagens feitos por Zansky, para *O Picapau Amarelo*, por Carlo Giovani, para *O Museu da Emília*, e por Danilo Zamboni, para *O Leão da Nemeia*



são extremamente datados! A Emília, talvez por ser uma boneca de pano, consegue se livrar de parte das convenções sociais e de gênero que influenciam as ações dos outros”, diz. A ilustradora tentou chegar a um lugar onde eles pudessem ser atuais ao mesmo tempo que se mantivessem naquele espaço e tempo que ficaram ao longo desses mais de 90 anos. Ela quis ser especialmente cuidadosa com a figura da Tia Nastácia, eli-

minando qualquer tipo de escracho ou caricatura: “Acabei criando, dentro da minha cabeça, todo um mundo de gostos, emoções, hábitos e estampas para ela. Acho que todos os personagens que ilustro, não só os do Lobato, são versões fragmentadas e rearranjadas de mim. É como se eu fosse um ator interpretando diversos papéis, mas com imagens. Sou todo mundo e só assim sei escolher roupas e cores, sentir e demonstrar afetos,



repulsas e medos, fazer os gestos, movimentos e expressões de cada um”, diz.

No projeto de Fido, uma das partes mais bacanas foi imaginar como representar a natureza recriada pela Emília, já que no livro a boneca faz abóboras brotarem de jabuticabeiras e dá origem a monstros gigantes ao mexer na escala de grilos, formigas, pulgas e centopeias. “Fiz uma boa pesquisa de imagens, que, nesse caso, se voltou para animais

e árvores, criei os esboços a lápis e finalizei com pincel e nanquim. Depois de escanear para o computador, apliquei as cores digitalmente”.

O ilustrador Carlo Giovani, que trabalhou na história *O museu da Emília* (escrita em 1938 para ser encenada na Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo e publicada no livro *Histórias diversas*), surpreendeu pela técnica: “A maioria das pessoas já tem imagens preconcebidas desses personagens, então achei importante não frustrar essas expectativas. Mas, ao mesmo tempo, quis surpreender de alguma forma, pela maneira de apresentar as ilustrações, pela técnica, para trazer algo novo”. Ele fez as ilustrações em papel — tanto personagens como cenários — para que o livro tivesse um ar de cenário de teatro. “Naturalmente muitas adaptações precisaram ser feitas ao longo do processo, algumas ideias foram deixadas de lado, mas a proposta foi mantida. Criei pequenos cenários tridimensionais para cada cena e os fotografei. Essa é uma técnica que já utilizo em meu trabalho com papel há algum tempo, mas tive a oportunidade de experimentar alguns recursos novos. A inspiração principal veio da minha memória da série de TV. A partir daí fui adaptando os personagens às formas tridimensionais básicas que pretendia, até que se constituíssem como um objeto tridimensional finalizado”, conta. Segundo ele, Emília foi o personagem que mais tempo levou para ser finalizado, não só por ser extremamente popular, mas também por precisar sofrer mais adaptações ao seu estilo de ilustração. ●●●

A criança e a cultura popular

Feita de cor, vida e rima, a cultura se manifesta livre em diferentes ritmos que dançam e brincam a infância

POR NANA TUCCI

Os dois levam a vida na brincadeira, sem entender quando alguém diz “isso é besteira, só existe na sua imaginação”. Pois, se a imaginação tem cor, perfume, som e sensação, como é que pode não existir, então? É esta, vou lhe contar, a dupla que é impossível de separar: a criança e o artista popular.

Se ainda não deu para perceber como é que um e outro têm tanto a ver, a solução é tratar de esquecer. Esquecer que uma princesa que dorme 100 anos e um boi que morre e renasce são histórias mentirosas ou impossíveis — elas existem, só que em outra realidade, não menos verdadeira.

O artista popular em questão não é o que tem o maior número de visualizações

de vídeos na internet. Estamos falando de artistas que, através de brincadeiras envolvendo teatro, música e dança, reproduzem um conhecimento e uma tradição de um povo.

No Nordeste, eles se autodenominam “brincantes”, e não músicos, dançarinos ou contadores de histórias. Ao realizarem um espetáculo, ou um “folgado”, dizem que vão é brincar. Nunca ouviu falar? Qual! E a Folia de Reis? E o Boi-Bumbá? E o Cavalo-Marinho? — este talvez seja necessário pesquisar.

Os artistas Antonio Nóbrega e Rosane Almeida foram os responsáveis por popularizar no país o que popular já era de nascença, na certidão de nascimento. Chegam a São Paulo em 1992, ela, curiti-





Rosane Almeida,
com 5 anos

bana, com a maioria recém-conquistada; ele, pernambucano, com formação em música erudita e vivência de sertão. Juntos, transformam uma antiga loja de lustres no Instituto Brincante, espaço que se tornou referência no ensino das manifestações culturais brasileiras.

A ideia de abrir esse centro de pesquisas veio depois de uma notícia que chegou como um temporal: mesmo depois do estrondoso sucesso do espetáculo *Brincante*, apresentado pela dupla no Festival de Teatro de Curitiba, nenhuma casa de São Paulo quis receber a montagem. “Abrimos com a certeza de que a cultura brasileira era capaz de fornecer recursos, subsídios para cada um de nós viver melhor”, ressalta Rosane.

DEPOIS DA CHUVA, SEMEAR

Maracatu, frevo, marchinha, coco, afoxé. Literatura de cordel, circo mambembe, curso para aprender a melodizar versos e improvisar emboladas. Para gente experiente, jovem e pequenina. Tem de tudo um pouco, pode chegar, a única regra é que seja popular (gostoso de brincar).

A construção nasceu no improviso, com a família toda pondo a mão na massa —

incluindo os dois filhos do casal, Gabriel e Maria Eugênia — para construir o espaço, que mais se assemelhava a uma espécie de labirinto, um portal.

Em 2015, o Brincante sofreu um “tremelique”: por causa de uma especulação imobiliária, quase teve de mudar de endereço, mas conseguiu permanecer ali, foi reformado e ganhou ares de fábrica chique.

O Brincante nasceu e segue com a ambição não de formar artistas populares que recriem e inovem as tradições — embora isso inevitavelmente aconteça —, e sim de investir no que chamam de território de formação do indivíduo.

“A cultura popular brasileira é um território que dá ferramentas para que o ser humano desenvolva seu potencial de olhar, escutar e se comunicar. A abelha produz mel, a lagarta vira borboleta, o ser humano se transforma em humano à medida que tece seus conhecimentos, suas habilidades e suas experiências”, explica Rosane. E exemplifica: “Você sai de uma aula de coco (tradição nordestina), em que seu corpo cria e improvisa, com essa capacidade de improvisar em todas as áreas da sua vida, seja numa empresa de engenharia, num bolo que você vá fazer”.

Nos últimos 20 anos, o Brincante não só colocou em evidência os subvalorizados e riquíssimos ritmos brasileiros e formou artistas, como também entrou no campo da educação, capacitando educadores para levar todos os dias seu saber a muitas escolas de São Paulo e do país.

“Como o universo da cultura da criança tem enorme correspondência com o universo da cultura popular, torna-se bastante proveitoso que o educador se aproxime desse conhecimento”, escreve a



**CUMARIM, A
PIMENTA DO REINO**

Rosane Almeida,
FTD Educação,
2019

pedagoga e contadora de histórias Cristiane Velasco no livro *Histórias de boca: o conto tradicional na Educação Infantil*.

“O povo brincante da nossa cultura popular afirma a vida através de suas manifestações e festas. As crianças, quando brincam, também afirmam a vida, integrando histórias, danças e cantos. A espontaneidade, a liberdade e a criatividade são a essência dos brinquedos populares e dos brinquedos de crianças [...]”, escreve Cristiane.

Entre as muitas conexões que podemos fazer entre a criança e o contador popular, segundo Cristiane, está a forma espontânea como comentam uma história, dizendo qual a sua opinião sobre uma passagem ou personagem com uma intimidade natural, como se fizessem parte dela (e fazem): “Eu, se fosse ele...”, “Por que ele não foi de carro?”

“Certa vez, em uma formação, uma educadora me perguntou bastante preocupada: ‘Eu tenho medo de brincar e me perder. Às vezes eu deixo as crianças

falarem muito durante a história e acabo perdendo o fio... O que você faz quando perde o fio da história?’. Respondi: ‘Eu brinco com as crianças!’. E pergunto: ‘Alguém viu o fio da história por aí? É que eu perdi, quem consegue achar? Vocês me ajudam?’”. É esse o espírito!

A POESIA NA CULTURA POPULAR

Rosane Almeida acredita que as crianças hoje têm um vocabulário enorme, desde cedo aprendem a discursar e a buscar informação de forma rápida na internet. Foi observando a geração da neta Clara, de 14 anos, que ela notou que os pequenos acabam reproduzindo o discurso dos adultos, sem saber sobre o que de fato estão falando.

A solução, pensou, não estaria em atuar com a palavra de forma diferente, em tirar a linguagem do estado seco da razão? Brincar com as palavras. “Usar a palavra em um contexto que não é só o da prosa. Usar as quadrinhas, as sextilhas, as parlendas, os trava-línguas. Porque eles

obrigam a criança a falar e sentir o que está dizendo”, ensina Rosane. Para decorar essas brincadeiras verbais, as crianças têm de se organizar mentalmente, e o benefício já começa aí.

A quadrinha tradicional todo mundo conhece, “Batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão. A menina quando dorme põe a mão no coração”, mas dá para ir além e ensinar um bocado de coisas para a criança usando essa técnica.

Essa reflexão foi o que levou Rosane a escrever o conto que virou livro infantil, editado pela FTD Educação, *Cumarim, a pimenta do reino*. Escrito em prosa, mas recheado de brincadeiras como adivinhas e quadrinhas, a obra conta a história de uma menina curiosa e faladeira que vai parar no Reino da Palavra, que a convidam a se divertir com elas.

A menina gosta tanto que decide ficar mais tempo do que o esperado por lá, “porque não é só o mundo que precisava de novas palavras, também as palavras precisam de novas pessoas”. *Cumarim* é um conto que ensina para as crianças a importância da palavra e como é preciso ser responsável por tudo o que a gente diz.

Antes do livro, ela tinha escrito um conto curto cheio de adivinhas, que virou peça encenada no Brincante e a neta amou, respondia a todas as adivinhas antes da plateia. Foi o que a despertou para esse mundo da literatura infantil, que adentra agora pela primeira vez, embora já tenha escrito várias peças.

O livro é cheio de movimento e som. “A música vem junto com as histórias: na pulsação, no ritmo da narrativa, nas entonações necessárias para cada situação. Quando o autor ou o contador sabe disso, ele potencializa esses recursos”, diz Rosane.

Assim como Rosane, Zeca Baleiro faz

“A música vem junto com as histórias: na pulsação, no ritmo da narrativa, nas entonações necessárias para cada situação. Quando o autor ou o contador sabe disso, ele potencializa esses recursos.”

uso da música na literatura, circulando por ritmos tradicionais como coco, maracatu, toada e carimbó, além de gêneros como *reggae* e *rap*. Ler a peça musical *Quem tem medo de Curupira?* é sentir-se diante de um palco sem sair de casa, é tirar os pés do chão para dançar sem se levantar do sofá.

Na história, os personagens folclóricos Boitatá, Caipora, Curupira, Mãe-d’Água e Saci Pererê estão em crise porque, em um mundo cheio de perigos maiores, não são mais temidos pelas pessoas e sentem que suas carreiras fracassaram. Então eles saem juntos da mata rumo à cidade para descobrir se de fato não são mais assombrosos.

Em uma das cenas, Curupira canta: “Se o medo é um cavalo, coloque uma sela. Se o medo é uma porta, abra a janela. Se o medo é um rio, reme a canoa. E o medo que era um rio, vai virar lagoa. E a sua canoa será um navio”.

Em outra, o Saci tem seu visual transformado depois de andar na companhia do índio Johnny Curumim Snoop Snoop Cara de Alce, pós-graduado em Pataviniologia pela Universidade de Downtown. “Surge o Saci com o índio. O Saci tem na mão uma garrafa de refrigerante ou ou-



tro ícone pop, veste roupa estilo hip-hop e usa grandes óculos escuros”.

Dividida em 17 cenas, a obra *Quem tem medo de Curupira?* foi escrita por Zeca há 30 anos, para ser encenada pelo Ganzola, grupo amador de teatro que se apresentava em São Luís, no Maranhão, cidade natal do cantor, nos anos 1980. Mas o grupo não chegou a interpretá-la, pois acabou antes de o texto ficar pronto.

Vinte anos depois, a diretora Débora Dubois estreou a montagem no Teatro do Sesi. “Comecei a vasculhar nas minhas pastas amareladas pelo tempo, acumulador analógico que sou”, conta Zeca, no livro de mesmo nome que posteriormente foi publicado pela Companhia das Letrinhas.

A obra não é o primeiro diálogo de Zeca com as crianças. Em 2014, ele lançou o disco *Zoró (bichos esquisitos)*, em que fala de um “Tubarão que toca tuba”, de uma “Minhoca dorminhoca”, de um “Morcego sanfoneiro”, de uma “Pulga da sorte”, entre outros bichos pra lá de autênticos e diferentes. O álbum também ganhou uma versão para as telas, *A viagem da família Zoró*.

Em fevereiro de 2019, Zeca lança *Zureta*,

a continuação de *Zoró*. Mas dessa vez ele não fala só de bichos esquisitos, mas também de laços de família e de como as crianças lidam com as emoções.

Em “Papai e mamãe”, reflete sobre o papel dos pais nos dias de hoje, que não é só educar e cuidar, mas também brincar, “deixa o papai brincar, deixa a mamãe brincar de cavalinho”. Em “O que é isso que vocês chamam de paciência?”, canta: “Vamos para o lago logo. Vamos para o rio, raios. Vamos para a praia, ai ai. Vamos para o mar já. Papai por que você demora? Mamãe por que você demora?”.

Tem também canção sobre briga de irmão, aula de matemática e a adorável história de um esquimó que come foca e toca uma guitarrinha azul (o videoclipe é um primor). E ele avisa que em breve vai lançar o volume 3. Porque levar a vida na brincadeira é assim: uma imaginação sem fim.

Em 2019, Zeca ainda estreou como tradutor de livros infantis. *A caixa e O pesadelo*, da clássica coleção francesa de Claude Ponti, que traz pintinhos como personagens principais das histórias, foi publicada pela FTD Educação. ●●●

Bate-peteca com o

Zeca

Como é a relação com sua criança interior? Como era a criança que você foi?

Fui uma criança muito livre. Minha infância se deu numa cidade do interior do Maranhão, chamada Arari, e foi muito lúdica. Tomava banho de rio, passeava de canoa, pescava, cantava cantigas de roda, comia fruta no pé, fazia muitas traquinagens, jogava futebol no campinho, participava de circos mambembes. Brincávamos na rua, quase não passava carro, e a TV chegou tardiamente, quando eu já tinha 6 anos. Tinha medo de Mãe-d'Água e Saci, e sonhava ser ponta-direita da seleção brasileira.

Você escreve e compõe músicas infantis desde o início de sua carreira, mas só em 2014 lançou o primeiro álbum infantil. O que o motivou a fazer isso? Tem a ver com a experiência de ser pai?

Sim, tem a ver com a experiência de ser pai. Mas comecei fazendo música infantil num grupo de teatro, o Ganzola, quando eu tinha 18 anos. Retomei essa verve quando nasceram Vitória (20 anos) e Manuel (18 anos). Depois que nasceram, compus mais de 50 canções para eles, e então resolvi gravá-las. Muitas canções de *Zoró* e *Zureta*, meus dois álbuns infantis, surgiram da minha relação com eles.



O pequeno Zeca Baleiro

Às vezes punha-os para dormir tocando violão e, ao fim da empreitada, tinha uma ou duas canções prontas. No segundo disco, *Zureta*, eu os convidei para encerrar o CD cantando “Vidinha”, que fiz especialmente para eles.

Depois, teve o DVD *A viagem da família Zoró* e o livro *Quem tem medo de Curupira?*, uma ópera fantasiosa sobre as criaturas da mata brasileira. Pode contar um pouco sobre como foi se dedicar à literatura?

Era a princípio uma peça teatral, que escrevi quando tinha 21 anos e ainda morava em São Luís. É uma fábula sobre as criaturas encantadas do imaginário popular brasileiro: Boitatá, Curupira, Caiçora, Mãe-d'Água e Saci. Ela só foi encenada em 2010 em São Paulo, com direção de Débora Dubois, e depois virou livro.

Gosto de experimentar, de passear pelas linguagens, é muito divertido.

Como foi a experiência de traduzir os livros infantis da coleção de Claude Ponti para a FTD Educação, *A caixa e O pesadelo*?

Foi a primeira experiência nessa seara da tradução. É um trabalho que requer paciência e criatividade, mas gostei da aventura.

Existe diferença entre compor música, escrever poesia, escrever peça teatral, em relação ao processo criativo? Como você sabe que uma frase é música, outra é conto?

Existe diferença sim. É difícil explicar o processo, até porque é muito intuitivo. Quando o assunto é canção, por exemplo, uma palavra vai puxando outra, a melodia que surge vai induzindo à busca de rimas ou frases sonoras e aí a mágica se dá. Para um texto em prosa, a busca é um pouco mais racional.

Como é fazer música e livro para crianças em uma era em que antes de completar dois anos algumas delas já estão expostas a tecnologias, a filmes de ritmo frenético? Esse é um desafio ou objetivo seu: chamar a atenção delas para, digamos, outra maneira de se relacionar com a cultura?

Sim, meu trabalho com música infantil é uma tentativa de propor outro ritmo interior, outra forma de absorver as coisas, as informações, as narrativas. Sei que é um baita desafio nos dias de hoje, mas seguimos na missão.

Qual a importância da poesia e da literatura na vida de uma criança? Qual

foi a importância na sua vida, quando criança?

Ah, é fundamental. A literatura nos dá asas à imaginação, nos educa a pensar, a fantasiar. Meu pai fazia com que todos os seus seis filhos lessem de tudo. Foi um legado muito importante.

Você procura saber como é a reação das crianças a suas músicas? Se elas aprendem e dão risada ouvindo “o esquimó mora na geleira e nem usa a geladeira que ganhou da sua avó”? Como é essa troca?

As histórias acabam chegando até mim. Amigos que me ligam e contam histórias de filhos de outros amigos apaixonados pelas canções. Fico muito feliz, muito enternecido com essa repercussão. Às vezes sou convidado a ir a algumas escolas. Recentemente visitei a escola onde estuda a filha de uma amiga, e foi muito bacana.

É verdade que seu apelido, Baleiro, lhe foi dado porque você gostava de balas e doces, chegando até a ter uma loja especializada em guloseimas? Essa história lembra o conto da Clarice Lispector, em que ela fala do êxtase que uma garota sentiu ao provar seu primeiro chiclete. O doce já o inspirou a compor músicas ou escrever algo sobre o tema, como Clarice?

A história real é que, na faculdade de Agronomia, ganhei o apelido de “Baleiro” dos amigos, por andar sempre com balas e chicletes nos bolsos. Não vendia, eu distribuía. Depois abri, com uma namorada, a casa de doces caseiros Fazdocinhá, nome tirado de uma cantiga de roda. Ainda estou devendo essa, uma ode aos doces e às balas! ●●●

“O poeta é um inventor de frases”

Fernando Paixão veio de longe. Nasceu em Beselga, uma aldeia portuguesa, em 1955, e mudou-se para o Brasil ainda menino, no ano de 1961.

Aqui aprendeu a ler e escrever um português novo, que ainda não conhecia, diferente do que ficou lá em sua aldeia. Aqui, sempre às voltas com as palavras, formou-se jornalista, cursou filosofia, defendeu mestrado em Letras.

Não por acaso, escolheu o poeta conterrâneo Mario de Sá Carneiro para estudar e inspirou-se nas linhas retas de Fernando Pessoa para poetar. As letras brasileiras, a sensibilidade portuguesa. A mesma língua, mas, aqui, outra. Talvez seja por isso que se considere um “brasileiro com alma de português”.

No Brasil, publicou seu primeiro livro em 1980, de poesia. Para crianças, tem dois livros de poemas. A poesia sempre foi sua linguagem, palavra e fala.

Poesia, para ele, é para inventar palavras, o que ainda não foi dito nem nomeado. Poesia é sentimento. Novos significados para coisas já conhecidas. “É como se a poesia deixasse as palavras vivas”, diz.

Foi editor, ensaísta e hoje, professor universitário, continua poeta. Escreveu um texto biográfico sobre Lobato nas novas coleções que a FTD Educação.

Quando chegou ao Brasil, tinha 6 anos. Idade próxima a das crianças que toparam o desafio de entrevistá-lo.

Mariana e Amanda Xella, de sete e nove anos, respectivamente, Iolanda e Aurora Cintra Bonafé, com oito e cinco anos, e Enzo Arthuzo, sete anos, enviaram suas perguntas sobre desterro, medo, criação, escrita, pensamento, sentimento, poesia.

A seguir, você lê os principais trechos dessa conversa.

MARIANA: Eu fiquei curiosa para saber como você veio para o Brasil.

FERNANDO PAIXÃO: É uma história interessante. Saí de Portugal com minha mãe, meu irmão (meu pai já estava no Brasil) e viemos de navio. A viagem demorou 14 dias... Ao chegarmos às praias de Santos, perto de São Paulo, sentimos um choque muito grande... Aos poucos, fui me acostumando... Cresci nesta cidade grande, que me deu muitas oportunidades e amigos.

ENZO: Por que você veio para o Brasil?

Isso aconteceu depois do fim da Segunda Guerra Mundial, no século passado, que deixou muita miséria nos países da Europa, inclusive em Portugal. Essa situação obrigou muitas famílias a buscar



**FERNANDO
(POR ELE MESMO)**

“Minha família era simples e veio para o Brasil porque não havia trabalho na aldeia. Quando chegamos, em 1961, eu tinha que tirar uma foto para o documento oficial. Então fomos ao lado do Consulado português, onde havia muitos fotógrafos, e me colocaram uma camisa e um paletó de gente grande, duas vezes maior do que eu... Eu tinha vontade de rir, mas tive de fazer uma cara séria.”



QUEM LÊ VAI EM FRENTE

QUEM O POETA

ESCREVE SEGUE

VAI TAMBÉM CONTENTE

trabalho na França ou no Brasil... E, como eu tinha vários tios que moravam aqui, minha família decidiu vir.

AMANDA: Quando veio para o Brasil, você ficou com medo? Ou gostou?

As duas coisas, gostei e fiquei com medo. Eu nasci numa aldeia muito pequena, todas as pessoas se conheciam e trabalhavam no campo, plantando e colhendo... Na cidade, a vida era muito diferente. Meu pai foi trabalhar numa fábrica e eu comecei a estudar na escola logo que chegamos aqui. E tive que aprender palavras novas para coisas que eu conhecia. Por exemplo: o que eu chamava de “malga” lá na aldeia, aqui tinha o nome de “tigela”. Não era só uma troca de país, mas outra língua para falar.

MARIANA: Você escreve em português de Portugal ou em português do Brasil?

Como cresci no Brasil e só retornei às origens adulto, considero que minha formação é principalmente brasileira. Eu me sinto um brasileiro com alma de português. Dá para entender?

AMANDA: Qual é o assunto que você gosta mais [para escrever] e como escolhe o assunto?

Os assuntos da poesia são diferentes de um conto ou de uma história infantil. Um poema não precisa contar fatos e mostrar personagens... A poesia serve mais para mostrar uma sensação, um pensamento diferente e estranho... É como se a poesia deixasse as palavras vivas.

AMANDA: Como você escolhe os livros que mais gosta?

Prefiro falar dos autores de que gosto mais. É o caso do poeta português, meu



ará, Fernando Pessoa. Mas gosto também de Machado de Assis, os seus contos são bem interessantes. Um deles se chama “Conto de escola”, bem interessante.

MARIANA: Como você faz para escolher os livros das outras pessoas que você vai publicar? É difícil ou fácil?

Eu trabalhei como editor até dez anos atrás. Atualmente dou aula de literatura na Universidade de São Paulo. No tempo em que eu escolhia os livros que ia editar, o principal critério era ser bem escrito, interessante e que pudesse atrair o leitor. Sem leitores, o livro não existe, fica (morto) na prateleira.

IOLANDA: Você já escreveu alguma coisa sobre monstros?

Sobre monstros não escrevi. Mas um dos poemas do meu livro *Poesia a gente inventa* (FTD Educação, 2019) conta a história da amizade e do abraço entre um macaco e um espantalho. Sabe no que deu? Num macacalho...



AURORA

5 anos

IOLANDA: Quando você escreve alguma coisa, você para de escrever? Porque quando eu escrevo muito, meus dedos cansam, e eu tenho que parar... Acontece isso com você?

Atualmente eu escrevo mais no computador que à mão. Mas isso também cansa. É bom parar de escrever de vez em quando, pois ajuda a gente a pensar.



IOLANDA

8 anos

AURORA: Você já fez algum desenho ou filme ou alguma coisa assim?

Fiz, mas joguei fora. Gosto muito das artes plásticas, mas sou uma pessoa do mundo das palavras.



ENZO

7 anos

AURORA: Como que você inventa os seus poemas?

Pergunta difícil de responder. Cada poema aparece de um jeito. Pode começar com uma imagem, com uma frase ou com a lembrança de uma

pessoa. Aos poucos as palavras aparecem, mas o poeta não sabe ao certo de onde elas vêm.

AURORA: Você faz o poema na hora? Você pensa o que vai fazer antes de fazer o poema? Eu também faço poema; vou te mostrar um:

Era um ovo glorioso era gorduroso mas muito gostoso

Eu inventei esse; eu ia pensando na hora que eu ia inventando. Você também faz isso?

Bonito poema. É bom imaginar a ideia de um “ovo glorioso”. Pois é, você diz uma coisa que concorda com o título do meu livro: *Poesia a gente inventa*. O poeta é um inventor de frases, traz pensamentos diferentes para o nosso dia a dia. ●●●



Diálogos entre o real e o imaginário

Realidade e fantasia habitam histórias e exigem posicionamento crítico do leitor. Saiba o que pensa sobre isso o escritor Dionisio Jacob, que trabalha na fronteira entre ficção e não ficção

POR CRISTIANE TAVARES

A literatura e as linguagens artísticas em geral podem provocar discussões e debates éticos saudáveis, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, capazes de compreender melhor os acontecimentos e interagir com protagonismo na realidade histórica.

O escritor e ilustrador Nelson Cruz costuma dizer que “a ficção acontece nas lacunas da história”. A origem de sua relação com a arte se deu, inclusive, a partir desse diálogo entre o real e o imaginário, como nos conta em seu belo depoimento “A enciclopédia de traços e cores” (*leia na página 37*). Nelson descobriu a arte nos livros didáticos de história, e até hoje a pesquisa histórica integra intensamente seu processo criativo.

A necessidade de contar histórias, seja oralmente, seja por escrito, com palavras ou imagens, acompanha a humanidade desde sempre. Saber quanto há de fantasia ou de realidade nas criações literárias e artísticas de modo geral é quase impossível, já que, como afirmava o filósofo italiano Giambattista Vico, “a fantasia nada mais é do que a memória dilatada”.

Dilatar a percepção do real, alargar as fronteiras tênues entre o que a fantasia imagina e o que a memória compreende como realidade, habitar as lacunas da história e criar brechas interpretativas pela via artística é também o trabalho de Dionisio Jacob, autor do livro *O hipnótico Berlioz e o misterioso*





O autor Dionísio Jacob

rebulição em Piraibeiras, publicado pela FTD Educação em 2019. Na entrevista a seguir, ele nos revela suas referências, preferências e fontes de inspiração.

Como leitor, qual a sua relação com livros que contam histórias fictícias e que também trazem informações históricas? Poderia destacar algum título desse tipo que aprecie especialmente?

Sempre gostei de ler romances históricos, embora não exclusivamente. Quando era adolescente li uma série de sete romances com o título geral de *Os reis malditos*, de Maurice Druon, sobre uma linhagem de reis franceses, que me empolgou muito. Na verdade, é um clássico literário que vale a pena ler. A dificuldade do romance histórico é que precisa adaptar o fato histórico com a imaginação poética para que seja de fato literatura e não apenas um registro ou uma crônica. Na nossa literatura temos o sensacional *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que é uma grande obra de arte e, ao mesmo tempo, uma reportagem de um momento marcante da vida social brasileira.

Ao criar suas histórias, como seus narradores transitam pelos gêneros de ficção e não ficção?

Procurando mesclar o que há de humanamente interessante no fato real, histórico ou não, com a capacidade da imaginação em desenvolver uma trama que absorva o leitor. Para isso é necessário que o escritor possua, além da visão crítica, uma vida imaginativa. A tradição da literatura realista tem feito isso. O grande escritor francês Balzac, ao mesmo tempo que fazia uma crônica da vida social do seu tempo, criou um mundo próprio que resiste como ficção, tanto que o escritor inglês Oscar Wilde disse que Balzac “criou a vida, não a copiou”.

Seu livro *O hipnótico Berlioz e o misterioso rebulição em Piraibeiras* tem a República Velha como pano de fundo. Fale um pouco sobre como vê o papel da literatura como apoio no ensino da história do Brasil, sem perder sua autonomia como forma de arte.

No caso desse livro, o pano de fundo histórico serve de apoio para uma narrativa não convencional, feita com fatos assombrosos e bastante humor. A ideia foi criar um fato misterioso que envolvesse o leitor na sua trama, ao mesmo tempo que refletisse um pouco sobre o início da nossa vida republicana com seus vícios, seu “coronelismo”. Acho que ele pode servir de base para uma discussão bem proveitosa para essa fase histórica que, de algum modo, ainda se reflete na nossa cultura política.

Em sua opinião, quanto há de ficção na “história construída como narrativa oficial” para explicar os acontecimentos históricos que marcaram o país?

MENTIRAS QUE PARECEM VERDADES

Realidade e imaginação, ficção e não ficção, notícias e *fake news* são polaridades frágeis que habitam o universo da leitura e exigem posicionamento crítico do leitor, antes de tudo. É o que acredita a historiadora Sylvia Guimarães, cofundadora da Vaga Lume, ONG que realiza intercâmbios culturais por meio da leitura, da escrita e da oralidade, promovendo o protagonismo de pessoas e comunidades rurais da Amazônia.

Sylvia afirma: “Acredito que a literatura infantil e juvenil cria possibilidades de entendimento da complexidade e da diversidade do mundo, das diferentes perspectivas que existem sobre um mesmo tema, e, ao fazer isso, contribui para a criação de um pensamento complexo relevante para a compreensão da história, que, se bem estudada, tem igualmente muitos prismas, muitas narrativas e perspectivas”.



**O HIPNÓTICO
BERLIOZ E O
MISTERIOSO
REBULIÇO EM
PIRAMBEIRAS**

Dionísio Jacob,
FTD Educação,
2019

O termo “história oficial” ou narrativa oficial sempre deixa a gente com a pulga atrás da orelha de que a história tenha se transformado em ficção ou ao menos sofrido alguma “edição”. É um fato muito conhecido que todas as formas de poder sempre quiseram legar a própria visão do seu mundo, omitindo fatos desagradáveis, principalmente nos regimes totalitários, seja à esquerda, seja à direita. É imprescindível manter uma visão crítica equilibrada, democrática, com respeito aos direitos fundamentais, entre os quais o de liberdade, sem a qual não se pode falar sobre nada. Mas hoje em dia há também

a questão muito delicada das *fake news*. Elas sempre existiram, mas com a proliferação das redes sociais, isso tem se tornado um problema sério. Mentiras parecem verdades quando estão em letras de fôrma. E quando não se tem uma pessoa de carne e osso para falar sobre as questões do momento, a tendência é que as discussões se tornem mais litigiosas, propagando um clima de raiva. É necessário manter o equilíbrio crítico e, principalmente, pesquisar as fontes para que não nos deixemos “hipnotizar” por qualquer coisa publicada na internet. O hipnótico Berlioz, aliás, seria um mestre das *fake news*! ●●●

Caminhos e atalhos para o encontro com os livros

Mesmo diferentes, as trajetórias de vida do escritor João Carrascoza — entre muitos livros — e do ilustrador Nelson Cruz — entre poucos — foram marcadas pelo momento em que descobriram o encanto de ler pessoas em textos e imagens

POR CRISTIANE TAVARES

As narrativas sobre o encontro com a leitura são tão peculiares quanto as histórias de vida daqueles que as narram. Na voz do pai que conta histórias ao filho antes de dormir, na estante de livros da mãe ou na biblioteca pública da cidade, os livros aguardam, ansiosos, o encontro com leitores. Alcançá-los, nem sempre é tarefa simples. Os caminhos que levam à leitura são cheios de atalhos e bifurcações. Exigem esforço de caminhada e, sobretudo, escolhas. O fato é que o momento do encontro com os primeiros livros pode ser definidor para a permanência das letras, traços, sentidos e significados que vão colorir outros encontros, ainda por vir. Os livros podem

abrir portas para misteriosas e improváveis trilhas. A surpresa, sem dúvida, faz parte do percurso leitor. Ao menos é o que nos revelam as histórias de uma vida entre livros narradas por dois importantes artistas brasileiros: o escritor João Anzanello Carrascoza e o ilustrador Nelson Cruz.

João Carrascoza, nascido em Cravinhos, interior de São Paulo, conviveu com os livros desde pequeno, em casa. A estante da mãe, leitora voraz de romances, logo se tornou objeto de desejo para o menino recém-alfabetizado. Alimentado de histórias contadas pelo pai antes de dormir, o encontro com as letras se deu de modo natural no ambiente familiar, am-



pliou-se na vida acadêmica e reverberou em escrita autoral, marcada pelo reconhecimento de leitores fiéis à sua obra, já traduzida para o inglês, o francês, o espanhol, o italiano e o sueco. Dados os primeiros passos nesse caminho de encontros com o livro, a leitura vai ganhando dimensões que ultrapassam a palavra impressa, como explicou Carrascoza certa vez em uma entrevista à agência literária Riff: “Ler pessoas, começando por nós mesmos, é um aprendizado cotidiano, porque elas se escondem cada vez mais

atrás de roupas, palavras, aparelhos. Ler as pessoas é a única maneira de descobrir a sua história, que é, no fundo, a coisa mais valiosa que têm”.

Bem diferente foi o caminho percorrido por Nelson Cruz para encontrar os livros. Nascido em Belo Horizonte (MG), filho de pai pedreiro e mãe dona de casa, os únicos livros que havia em sua casa eram os didáticos, solicitados pela escola no início do ano letivo. Nesses livros, Nelson encontrou pinturas de importantes artistas brasileiros, que se tornaram mestres inspiradores para sua intensa expressão plástica. O desejo de aprender e a compulsão pelo desenho o levaram a se aventurar por atalhos nesse caminho



O PINGUIM QUE ANDOU DE BONDE

Monteiro Lobato,
FTD Educação,
2019

de encontros e desencontros com os livros e com a leitura. Autodidata, Nelson deixou a escola aos 12 anos e foi em busca de outros livros de arte na biblioteca municipal da cidade. Nesse peculiar percurso, encontraria não apenas a obra de grandes pintores, registrada nos livros, mas também a professora de desenho que abriria a ele as primeiras portas da atividade profissional a qual se dedica há décadas, escrevendo, mas principalmente ilustrando livros destinados a diferentes públicos e que já lhe renderam importantes premiações nacionais e internacionais, como o Prêmio Jabuti e indicações ao Hans Christian Andersen de Ilustração e à Lista de Honra da IBBY (International Board on Books for Young People), na Suíça.

Para Nelson, o encontro com grandes artistas nos livros didáticos e nos livros de arte, durante a infância e a adolescência, continuam reverberando em sua produção contemporânea. Para o ilustrador, o processo de identificação do artista com certas obras é subjetivo, silencioso, emocional. “Costumo dizer que frequentemente esses artistas desde que os descobri nos livros da sala de obras especiais da Biblioteca Pública Estadual, na Praça da Liberdade, lá nos anos 1970, ainda adolescente. Com cada um se aprende algo que outro não tem. Assim, eles passaram a conviver comigo e eu com eles. Meu processo com os grandes mestres foi o da convivência com suas histórias e suas obras”, contou Nelson em uma entrevista ao jornal *O Estado de Minas*.

Por rotas variadas, em meio a distintas paisagens e contextos, os percursos desses dois artistas brasileiros se cruzam num ponto crucial: a importância do outro na construção das narrativas auto-



**JOÃO
ANZANELLO
CARRASCOZA**

“Nesta foto, estou com o meu avô, João, de quem herdei o nome.”



“Aqui estou em família, com minha mãe, meus irmãos e minha bisavó. Eu sou o último do lado direito, junto com a minha avó materna, Leonor.”

rais. Por meio da palavra ou da imagem, a expressão artística é invariavelmente marcada pela presença afetiva de pessoas que iluminam parte ou outra das trajetórias pessoais. É o que nos mostram os depoimentos inéditos de João Carrascoza e Nelson Cruz. ●●●

DEPOIMENTOS

O descobrimento de mundos possíveis

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Desde menino, as histórias me fascinam. As primeiras me foram contadas por meu pai, quando, no escuro do quarto, mundos imaginários nasciam de sua voz e me levavam a fechar os olhos para descobrir os detalhes vivos das paisagens e dos seres fantásticos que ele descrevia.

Depois, logo que aprendi a ler, encontrei-me com as histórias represadas nos livros da estante de minha mãe, leitora assídua de literatura, sobretudo de romances. Abrir um livro se tornou para mim, então, como abrir as portas de uma

montanha mágica, as comportas de um mar antigo à espera de aventuras, o portão do Jardim das Hespérides, com suas frutas preciosas pendendo das árvores.

Aos poucos, fui tomado pela alegria (e pela dor) de inventar as minhas próprias narrativas, sem nunca esquecer que só mereciam ser contadas se produzissem o encantamento que me causaram quando fui iniciado pelas histórias de meu pai e pelos livros de minha mãe.

Mais adiante, já tendo me tornado escritor, notei que, quando eu

escrevia, compartilhava a experiência humana que me cabia, da mesma forma que, enquanto lia, estava me embalando numa rede de afetos.

E, agora, o mais recente descobrimento: escrever, tanto quanto ler, uma obra literária nos faz ver acima da realidade (concreta e opaca) a aura magnífica que ela esconde. É uma imagem tão sublime que vale viver entre as palavras para, vez por outra, revê-la nas páginas de um livro — ou no rosto de alguém que amamos no quarto às escuras da infância.

A enciclopédia de cores e traços

NELSON CRUZ

Minha casa de infância, no bairro Nova Cintra, em Belo Horizonte, não tinha livros. Nem estante minha casa de infância tinha. Filho de pedreiro e de dona de casa, os únicos livros que tínhamos eram os didáticos comprados no início do ano, quando aguardava ansioso para ver as pinturas que ilustravam os livros de história. Gostava muito de desenhar e nos livros da escola conheci a pintura *Café*, de Portinari, *Abaporu*, de Tarsila, e a impressionante pintura de Pedro Américo, *Tiradentes esquartejado*. O mistério de se expressar estava retido naquelas pinturas.

Mesmo que aos 12 anos, num gesto impensado, tenha resolvido abandonar a escola, na verdade, a escola nunca saiu de dentro de mim.

Ela sempre esteve presente no gesto de desenhar compulsivamente e na leitura dos raros livros emprestados que apareciam em casa. Mas, por uma força da natureza, os desenhos que eu fazia funcionaram como mensagens em garrafas lançadas ao oceano. Um dia chegariam em alguém. E chegaram. Alguns desenhos foram levados por dona Mariana Ildefonso ao ateliê da pintora Esthergilda Menicucci, em Belo Horizonte. E Esthergilda, num gesto de apoio, me aceitou como aluno bolsista em sua escola de pintura. Às vezes caminhava por dois quilômetros, desde o centro de Belo Horizonte até o ateliê de Esthergilda. Numa dessas caminhadas, descobri a Biblioteca Pública da Praça da Liberdade, onde encontrei os

livros de literatura e os muitos livros de arte dos quais precisava. E minha universidade livre começou. Descobri Picasso e fui aluno de Picasso. Descobri a obra de Francis Bacon e fui aluno de Francis Bacon. A partir desse encontro com a Biblioteca Pública, estudei a perspectiva com Leonardo da Vinci, estudei luz e sombra com Rembrandt e o olhar livre de Marcel Duchamp e muitos outros. Em outra direção, descobri a biblioteca sempre atualizada do Sesc. E livros, leituras, nunca mais faltaram em minha vida. Vejo que lá no princípio, na minha casa de infância, naquela casa sem livros físicos, a vida de todos ao meu redor eram livros que me ensinaram a interpretar a enciclopédia de cores e traços que viria a viver e que venho vivendo até os dias de hoje.

Como surgem as ilustrações de um livro

Você sabia que o ilustrador precisa percorrer várias etapas de trabalho até compor um livro inteiro? Há um longo percurso entre a leitura inicial do texto e a finalização dos arquivos no computador

POR LAURA TEIXEIRA

Se há uma coisa que podemos afirmar sobre a profissão do ilustrador editorial, ou seja, do ilustrador de livros, é que cada um tem seu jeito próprio de trabalhar. Eu, por exemplo, quando começo a ilustrar um livro, de repente estou inteira vestida com as cores dos desenhos sem perceber, fico mais tempo do que deveria embaixo do chuveiro pensando nos personagens, preciso ficar lembrando de almoçar... Mas, mesmo com essas diferenças de pessoa para pessoa, há etapas importantes a serem consideradas para que o processo funcione de forma objetiva e seja possível dar coerência ao conjunto de desenhos finais.

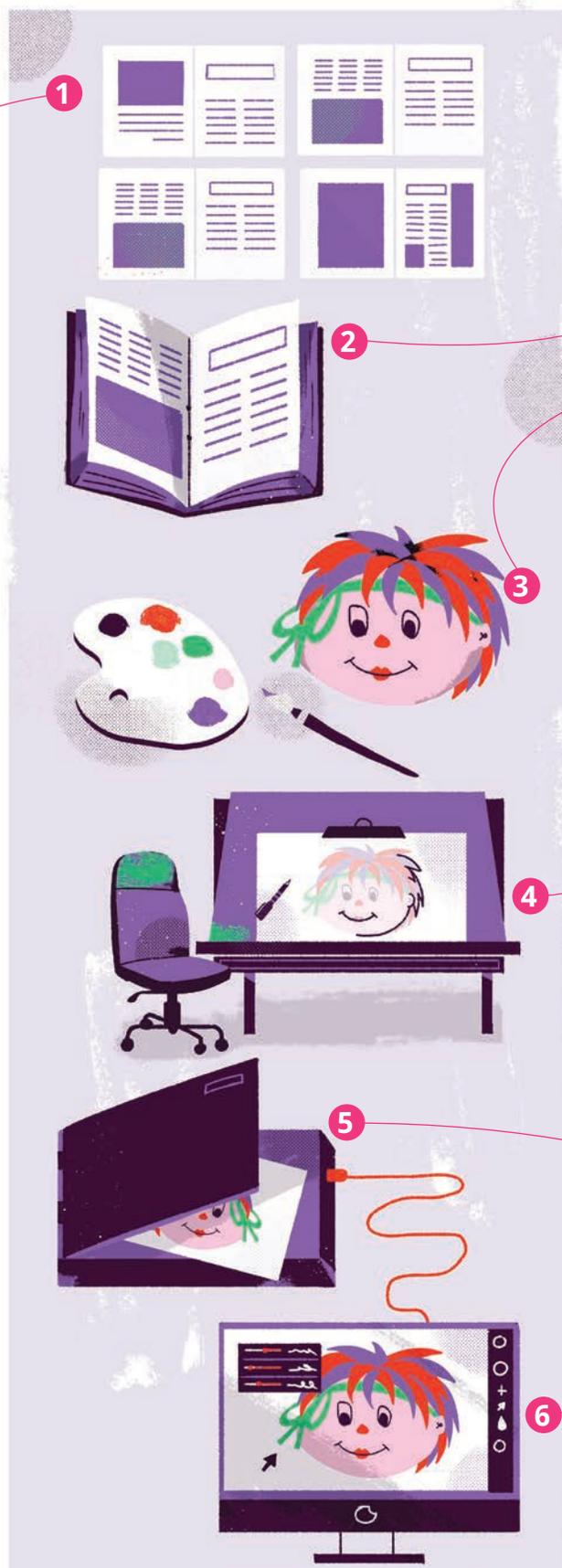
Em primeiro lugar, é preciso ler o texto com atenção especial. Quanto mais o artista estiver envolvido com a história, mais imerso ficará no universo criado pelo autor, e isso é fundamental para que as ilustrações tenham profundidade. Durante a leitura, ele pode ir anotando ideias, fazendo pequenos esboços iniciais, sublinhando trechos de interesse, para criar condições de gerar uma narrativa visual

paralela, que aumente a potência das palavras e não atue de modo redundante.

Em seguida, será o momento de distribuir o texto ao longo das diversas páginas duplas do livro. Para isso, fazemos um esquema com todas as páginas da obra, que chamamos de “espelho” (*figura 1*). Já nessa etapa, é importante considerar o formato escolhido para as páginas, pois isso vai interferir de maneira crucial na composição dos elementos visuais. Há ocasiões em que o formato já vem definido pelo projeto gráfico do livro, especialmente se ele fizer parte de uma coleção.

É muito frequente que o editor solicite esboços mais ou menos elaborados do





livro inteiro para sua primeira avaliação, além de no mínimo três imagens finalizadas (ou quase). Esses desenhos iniciais podem ser entregues em arquivos digitais contendo o encadeamento das páginas, acompanhados de um boneco físico (figura 2), muito útil para se ter uma noção de como o livro funcionará de fato, como um objeto no tempo e no espaço.

Para a finalização das imagens, o ilustrador pode usar uma infinidade de técnicas (figura 3). Das mais usuais, como desenho, pintura ou colagem, até as menos esperadas, como a fotografia. Sim, é possível ilustrar um livro somente com fotografias! Ou ainda utilizando apenas recortes de papéis coloridos, por exemplo. Também dá para fazer desenhos em diversas camadas, com a ajuda de uma mesa de luz (figura 4), e por aí vai. Enfim, o resultado, é claro, vai sempre depender muito das relações que serão estabelecidas pelo texto e pelas imagens articulados. O ilustrador precisa ser capaz de criar uma linguagem gráfica específica que dará coesão ao livro. A seleção prévia de uma paleta de cores costuma ajudar bastante, mas existem muitos outros parâmetros possíveis, como a escolha de determinado tipo de traço, o uso de texturas etc.

Após algumas conversas e refações solicitadas pelo editor (isso deve ser esperado pelo ilustrador), chega o momento dedicado a ajustes finais e digitalização das imagens, caso tenham sido feitas integralmente à mão. Em geral, um scanner de precisão (figura 5) é o equipamento indicado, mas há casos em que a fotografia capta melhor os detalhes, como quando os originais possuem relevo. Depois, as imagens escaneadas ou fotografadas devem ainda passar por um processo de tratamento digital, que pode ser feito pela editora ou pelo próprio ilustrador, dependendo do contexto (figura 6).

Em alguns projetos com demandas específicas, a editora solicita também uma ou mais provas prévias de impressão, que podem ser acompanhadas ou não pelo ilustrador. Nesse momento, estamos muito perto de ver o trabalho finalizado, mas é só quando as ilustrações chegam aos olhos do leitor que podemos dizer que a missão foi cumprida.

UMA COLEÇÃO E MUITOS SACIS

Ao conversar conosco sobre seu trabalho, a ilustradora Silvia Amstalden conta um pouco sobre como foi seu processo ao ilustrar *O Saci*, de Monteiro Lobato, lançado em 2019 pela FTD Educação. Silvia atua também como *designer* gráfica e gosta de pensar o livro como um todo desde o início. Ela contou que, neste caso, o processo foi um pouco diferente, pois, como o projeto gráfico da coleção já havia sido definido, foi preciso trabalhar em função de algumas condições.

“Eu sabia de antemão exatamente onde as ilustrações seriam posicionadas em relação aos blocos de texto de cada página, e foi um desafio pensar cada imagem dialogando com esses momentos específicos da história.” Entretanto, observa que teve uma ótima interlocução com a *designer* Luciana Facchini, responsável pelo projeto gráfico da coleção, e que poder visualizar a “cara” do livro acabou facilitando algumas escolhas. Por exemplo, o uso de fundos mais silenciosos em diversas imagens, pensando em provocar respiros importantes para que o objeto final tivesse harmonia e equilíbrio.

O texto de Monteiro Lobato foi extremamente inspirador para a artista. “Não tinha relido o autor depois de adulta, e esse novo ponto de vista me mobilizou muito. Fiquei apaixonada pelo Saci e fui logo contar para as minhas filhas.”



“Como seriam seus olhos, por exemplo? Uma coisa que eu queria transmitir era a sua inteligência... Entendi que tinham que ser olhos muito vivos.”

SILVIA AMSTALDEN



O SACI

Monteiro Lobato,
FTD Educação,
2019

Começou fazendo um estudo do personagem. “O Saci já foi bastante desenhado por muita gente. Então eu fiquei analisando, pensando sobre quem era de fato esse Saci do texto, pois era diferente do que eu trazia comigo da infância. Como seriam seus olhos, por exemplo? Uma coisa que eu queria transmitir era a sua inteligência... Entendi que tinham que ser olhos muito vivos.”

Depois de fazer o esboço do livro inteiro e mais algumas imagens finalizadas com guache — sempre buscando ampliar as possibilidades do texto —, chegou o momento de finalizar todas as outras, após aprovação da editora. O tempo era curto e, felizmente, não foi preciso repensar quase nenhuma imagem.

Quando, por fim, recebeu o livro diagramado, Silvia ficou ainda mais contente, pois se surpreendeu ao ver o resultado gráfico da bela e delicada articulação entre desenhos e palavras, orquestrados como se fossem música. ●●●

Vamos fazer um estudo de personagem?

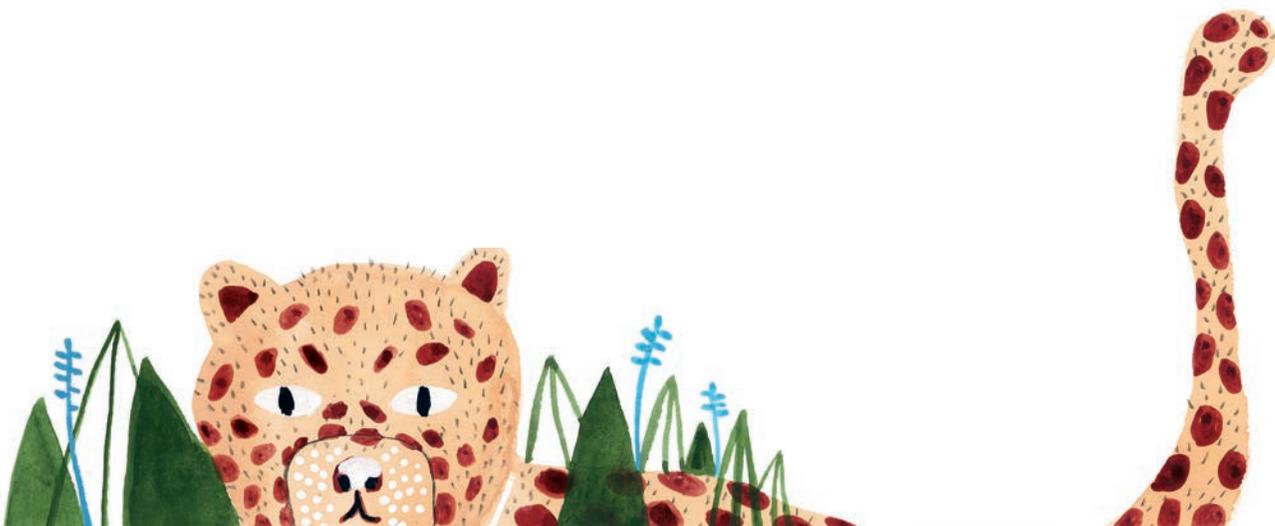
Com base na leitura deste trecho de *O Saci*, como você o desenharia?

“— O Saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um Saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.”

DICAS

- 1:** Comece desenhando sem pensar muito, como se você pudesse se transformar no próprio Saci, sentindo as mesmas coisas que ele sente, brincando de ser como ele é.
- 2:** Faça estudos com materiais diversos: lápis de cor, canetinha, colagem, guache etc.
- 3:** Desenhe o Saci em muitas posições diferentes, fazendo várias coisas.
- 4:** Faça desenhos bem grandes também, se puder!
- 5:** E, por fim, explore: como seriam os olhos do seu Saci?

Bom trabalho!



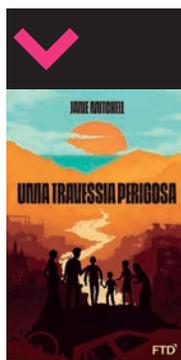
Memórias da imigração

Livros podem ajudar no acolhimento de imigrantes e na conexão de crianças com sua cultura de origem

POR DEBORA PIVOTTO

Depois de quase perder a vida durante um bombardeio em Kobane, na Síria, a família de Ghalib Shenu decide que é hora de deixar sua terra natal em busca de uma nova vida. No dia de partir, antes mesmo de o sol nascer, Ghalib sai de casa com os dois irmãos, o pai, a mãe e a avó materna, carregando algumas poucas roupas, comida, água e joias da família. Embarcam em um ônibus rumo a Aleppo, e depois caminham durante dias numa longa jornada até a fronteira com a Turquia. A travessia inclui momentos de tensão, comoção e adrenalina, com direito a encontro com atiradores, noites de frio no relento, falta de água, além de desencontros e muita coragem.

A história de Ghalib é uma ficção, brilhantemente contada pela autora irlandesa Jane Mitchell no livro *Uma travessia perigosa*, publicado pela FTD Educação



UMA TRAVESSIA PERIGOSA

Jane Mitchell,
FTD Educação,
2018

em 2018. Retrata fielmente a vida de milhares de crianças e jovens sírios que enfrentaram longas e perigosas viagens na busca por abrigo e segurança em outros países. O livro, que já foi lançado na Irlanda, nos Estados Unidos, no Reino Unido e no Brasil, vem ajudando jovens do mundo todo a compreender de forma mais ampla a crise humanitária que a Síria vive.

A literatura e as histórias têm esse poder de conectar pensamentos e emoções, e de unir mundos que podem estar fisicamente muito distantes. Acompanhar o drama de um personagem — que tem nome, idade, sonhos e desejos — na busca por uma vida melhor é muito mais impactante e profundo do que ver as notícias que chegam sobre a guerra pela televisão e pela internet.

A escritora Jane Mitchell, que participa com frequência de encontros e debates



em escolas na Europa, conta que os jovens ficam muito interessados na situação dos imigrantes depois de lerem o livro. “Eles querem entender melhor o que está acontecendo na Síria e me fazem muitas perguntas”, diz Jane. A compreensão dos fatos contribui também para uma maior aceitação dos imigrantes, que, assim como a

família de Ghalib, chegam em números cada vez maiores nos países pacificados no Oriente Médio e na Europa. “Muitos leitores contam que transformaram sua relação com a família síria que mudou para sua cidade ou com o garoto sírio que começou a estudar em sua escola. E isso é muito positivo”, conta Jane.

Para a autora, além de aproximar jovens que vivem realidades tão diferentes, a literatura pode ajudá-los a compreender situações dramáticas e complexas, como guerras e mortes. “As pessoas muitas vezes evitam falar com as crianças sobre temas difíceis, mas elas têm uma capacidade incrível de criar empatia quando essas questões são apresentadas de uma forma que compreendam”, explica Jane. “Uma boa história, que não fuja da verdade, pode ajudá-las a explorar múltiplas perspectivas e ter *insights*. Eu tento falar de temas difíceis de forma sensível, incluindo uma dose de esperança, humor e otimismo.”

Além de ajudar os jovens a compreender — e acolher — os imigrantes, as histórias são fundamentais no processo de adaptação de crianças e jovens imigrantes nos países de destino. Em São Paulo, ONGs que trabalham com apoio e acolhimento aos imigrantes utilizam os livros para fortalecer os laços das crianças com sua cultura de origem.

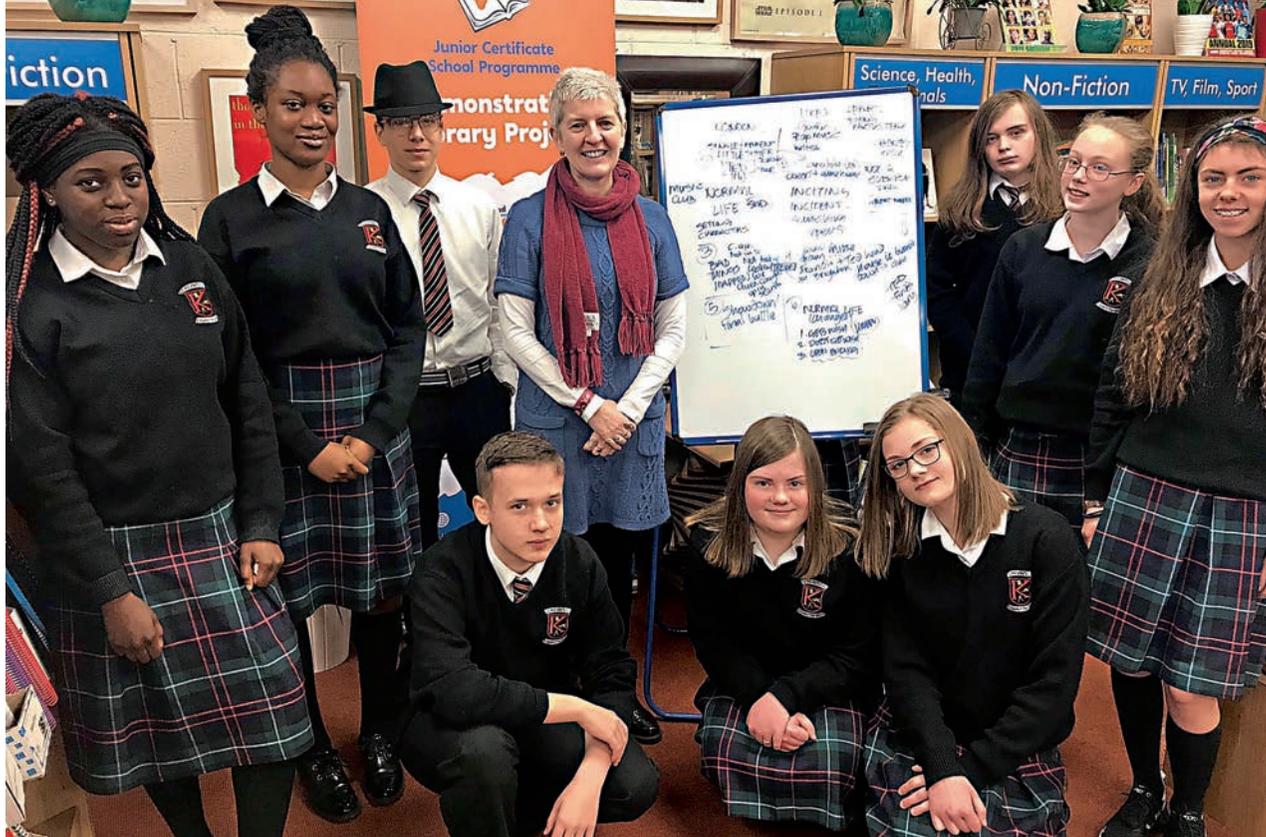
A pesquisadora de literatura latino-americana e mediadora de história Elizabeth Suarique Gutierrez é uma das idealizadoras do projeto “Barcarola de Arrullos”, que busca adquirir e distribuir livros em diferentes idiomas para grupos de crianças imigrantes que vivem em São Paulo. “Grande parte delas nasceu no Brasil e não teve contato com a língua e a cultura de origem”, explica a pesquisadora. “Queremos trazer esse contato com a ajuda de livros que contam histórias dos povos nativos.” O objetivo é promover leituras mediadas para grupos e disponibilizar os livros para as crianças e os pais. O projeto, que é feito em parceria com o coletivo Equipe de Base Warmis — Convergência das Culturas, já arrecadou cerca de 300

Além de ajudar os jovens a compreender — e acolher — os imigrantes, as histórias são fundamentais no processo de adaptação de crianças e jovens imigrantes nos países de destino.

livros, que estão disponíveis, por enquanto, em dois pontos: na biblioteca do Centro Cultural São Paulo e na União Social dos(as) Imigrantes Haitianos (USIH), no bairro da Liberdade.

MARISTAS AZUIS

Enquanto as histórias de ficção sobre os refugiados ajudam jovens de todo o mundo a compreender o que se passa na Síria, voluntários contam em cartas histórias reais do cotidiano nas principais cidades. É o caso do irmão Georges Sabé, um dos coordenadores do projeto Maristas Azuis, que realiza trabalhos de educação e assistência para a população síria em Aleppo, uma das cidades mais devastadas pela guerra.



“Alepo foi libertada em dezembro de 2016. Desde então, os bombardeios cessaram, reabriram as estradas interditas, o abastecimento de água chega com bastante regularidade para todas as famílias e a eletricidade continua sendo racionada. Há pessoas que se mudaram para o interior e que estão tentando retornar para suas casas nos bairros orientais da cidade. Os pequenos comerciantes vão abrindo seus negócios. Em alguns bairros já removeram todos os escombros. E agora é quando vemos a desolação que viveu o povo sob a pressão de membros armados, como do Frente Al Nosra ou do Daesh Islâmico”, escreveu irmão Georges em uma carta de março de 2018.

O grupo dos Maristas Azuis, formado por dois irmãos maristas e outros 80 voluntários leigos, oferecem ajuda à população carente de Alepo de diversas maneiras. O programa “Os Maristas Azuis pelos Desalojados” distribui mensalmente bolsas de alimentos, produtos de higiene e ajuda financeira a famílias carentes. O

“Programa Médico” financia 150 ações de saúde por mês, com procedimentos cirúrgicos, internações, análises laboratoriais e exames de raios X. Já o programa “Gota de Leite” fornece, todo mês, leite em pó para cerca de 3 mil crianças com menos de 11 anos de idade. Além de toda assistência, os projetos educacionais trabalham com alfabetização de crianças e jovens, aulas de inglês, auxílio e consultoria para projetos de empreendedorismo, entre outras formas de apoio.

O irmão Dario Bortolini, diretor da FTD Educação, conta que o trabalho feito pelos Maristas Azuis na Síria traduz bem a essência da visão de educação dos Irmãos Maristas. “Marcelino Champagnat, nosso fundador, dizia que o amor é criativo, e sempre pedia aos irmãos que inventassem formas de chegar às crianças e passar a elas os valores da vida. Isso significa levar para as pessoas o que elas mais precisam no momento. E é isso que eles estão fazendo na Síria”, explica o irmão Dario. ●●●



A autora Jane Mitchell com alunos da escola Kevin's Community College, em Dublin, na Irlanda

Primeiras histórias

FIDO NESTI ainda estava na barriga da sua mãe quando o pai, o ilustrador Paulo Ernesto Nesti, trabalhava nas ilustrações de um livro que seria lançado pela Editora Brasiliense: *A reforma da natureza*, de Monteiro Lobato. Era 1970. Hoje, 49 anos depois, é o próprio Fido quem assina as ilustrações da nova edição desse mesmo título, publicado pela FTD Educação. Aqui, ele conta um pouco da sua infância em uma casa onde não faltavam histórias e, não por acaso, as que mais o marcaram foram as contadas através de imagens. Lidos com entusiasmo em família, hoje esses desenhos guardados na memória servem de inspiração para o artista adulto. Se o relato de Fido despertar saudades da infância, vale lembrar e divagar: como nossas primeiras histórias ajudaram a constituir quem somos hoje?

“Meus pais costumavam ler várias histórias à noite, antes de dormir, para mim e meu irmão. Eram os anos 1970 e eu adorava pegar no sono desse jeito. Lembro com carinho de uma coleção de lendas indígenas que tinha ilustrações lindas — provavelmente eram pinturas, difícil de saber agora porque não temos mais esses livros.”

“Também me marcaram as desventuras de Juca e Chico, do original *Max und*



A REFORMA DA NATUREZA

Monteiro Lobato,
FTD Educação,
2019





Moritz, do pintor e caricaturista alemão Wilhelm Busch (*Juca e Chico*, história de dois meninos em sete travessuras, traduzido para o português por Olavo Bilac). Essa coleção foi considerada precursora do que viriam a ser os quadrinhos, que atualmente é um gênero que gosto muito de ilustrar. Além disso, me apresentou desde muito cedo ao mundo do humor negro.“

“Junto aos livros tínhamos também o hábito de ver projeções de *slides* com histórias absurdas e desenhos mirabolantes, adaptados para o aparelho em forma de carrossel. Recentemente descobri que a história que mais me marcou nessas projeções era a de um artista que eu fiquei dias tentando decifrar quem era, o francês Tomi Ungerer. A história se chama *The Beast of Monsieur Racine* (“A fera do senhor Racine”, em tradução livre), publicada pela primeira vez em 1971. Aquelas imagens eram reproduzidas em escala e cores impressionantes!

“Não esqueço até hoje do cheiro do acetato quente por causa da lâmpada do projetor nem do barulho de cada moldura de *slide* sendo trocada. E o mais divertido era ouvir as versões diferentes que meus pais inventavam a cada vez que recontavam a história, imaginando o enredo em suas cabeças naquele exato momento.” ●●●



FIDO, AOS 5 ANOS, COM SEU PAI, PAULO

Fido Nesti nasceu em São Paulo em 1971 e é ilustrador e quadrinista autodidata há mais de 25 anos. Pela FTD Educação, lançou *De pernas pro ar* (Mirna Pinsky, 2007) e *A reforma da natureza* (Monteiro Lobato, 2019). Também colaborou com as ilustrações para títulos de várias editoras. Seus trabalhos apareceram ainda nas revistas *The New Yorker*, *Piauí*, *Cult*, entre outras, e no jornal *Folha de S.Paulo*.

Lançamentos

A CAIXA



Claude Ponti,
tradutor Zeca Baleiro,
Educação Infantil, cód.

9010301000001

Os pintinhos Trompolina e Fubazim se deparam com uma caixa muito grande e decidem transformá-la em uma casa. A história apresenta o potencial lúdico de um simples objeto e a capacidade de a imaginação tornar qualquer brincadeira divertida.

O TÚNEL



Renata Bueno,
ilustradora Veridiana
Scarpelli, Educação
Infantil, cód.

9010301000010

Valendo-se da multiplicidade de ideias que nos vêm à mente quando pensamos na palavra “túnel”, a obra apresenta ao leitor uma história divertida que trata da noção de perspectiva e ponto de vista.

CADÊ O LIVRO QUE ESTAVA AQUI?



Telma Guimarães,
ilustradora Jana
Glatt, 1º ano, cód.

9010302000048

A cada virada de página, o leitor é convidado a procurar os bichos fujões e a descobrir onde o livro foi parar em meio às divertidas e coloridas ilustrações.

POESIA A GENTE INVENTA



Fernando Paixão,
ilustrador Jaca, 3º ano,
cód. 13300169

A FTD relança um dos livros de poesia para crianças mais vendidos e premiados da década de 1990. Com novas ilustrações e cinco poemas inéditos.

O GATO FÉLIX



Monteiro Lobato,
ilustradora Veridiana
Scarpelli, 4º ano, cód.

9010302000047

Em *O Gato Félix*, a turma do Sítio do Picapau Amarelo está curiosa para ouvir as aventuras desse gato que parece ter vivido muitas vidas.

CUMARIM, A PIMENTA DO REINO



Rosane Almeida,
ilustrador Willian
Santiago, 4º ano, cód.

9010302000028

Cumarim é uma menina brincalhona e faladeira que vai parar no Reino da Palavra, onde conhece uma poderosa rainha e descobre que não chegou àquele lugar por acaso. O texto traz o espírito do Instituto Brincante, com parlendas, trava-línguas, adivinhas.

FRANKENSTEIN



Mary Shelley,
adaptação Rodrigo
Machado, 6º ano, cód.

9010303000016

Considerado um dos primeiros romances de ficção científica da literatura universal, *Frankenstein* nos faz pensar nos limites éticos da ciência.

CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS



João Anzanello
Carrascoza, 8º ano, cód.

9010303000022

Em três histórias curtas, o premiado autor compõe um caleidoscópio que mostra as diferentes gerações de uma família. Uma narrativa ficcional escrita em versos livres, delicada e sensível.

O HIPNÓTICO BERLIOZ E O MISTERIOSO REBULIÇO EM PIRAMBEIRAS



Dionísio Jacob, 9º ano,
cód. 13408012

Em Pirambeiras, uma cidade dominada por um coronel politiquero do início do século XX, surge de maneira misteriosa um homenzinho cujo talento para a hipnose alcança um nível prodigioso.

A TEORIA DO ICEBERG



Christopher Bouix, 9º
ano, cód. 9010303000041

O livro conta a história de Noé, um garoto de 15 anos que vive numa cidade litorânea na França e sofre um acidente no mar. O acontecimento gera um estresse pós-traumático que mudará a vida dele.